

O EXERCÍCIO DA ORGANIZAÇÃO DO PENSAMENTO REFLEXIVO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Renata Coutinho de Oliveira ¹
Nelson Ferreira Marques Jr.²

RESUMO

O presente estudo abordou a organização do pensamento reflexivo na Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Com isso, a pesquisa tem por objetivo analisar a relevância da organização do pensamento reflexivo a partir das práticas docentes observadas em sala de aula, bem como a leitura das obras de Paulo Freire. Neste trabalho, os referenciais teóricos utilizados foram a Pedagogia da Autonomia e a Organização do Pensamento Reflexivo de Paulo Freire (1981-2019) e a Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani (2011). Para tal finalidade, a pesquisa adotou a abordagem metodológica qualitativa. Por meio da pesquisa de campo, elegeu como técnica de coleta de dados a observação participativa durante o período de estágio supervisionado obrigatório na turma da 2^o etapa da EJAI na escola. Os dados coletados permitiram verificar as práticas desenvolvidas em avaliações diagnósticas pelo docente e os métodos pedagógicos para o processo de ensino e aprendizagem. Os recursos utilizados pelo professor são videoaulas que reforçam as aulas expositivas, dentro do método tradicional, bem como atividades de fixação após as explicações das aulas. O professor relatou utilizar muito do diálogo para criar um ambiente harmonioso para aprendizagem. A análise apreendida aponta para uma postura metodológica ciente de que as experiências do público da EJAI devem ser acolhidas, no entanto, com práticas convencionais que pouco abrangem o exercício do pensamento reflexivo em sala. Dessa forma, destacamos a necessidade irrevogável de trabalhar o tema, buscando apreender o educando do EJAI como ser capaz de transformar a sua realidade por meio do pensar crítico e reflexivo sobre o mundo ao seu redor.

Palavras-chave: Pensamento reflexivo, EJAI, Experiência, Vivências, Aprendizagem;

INTRODUÇÃO

A organização reflexiva do pensamento, apresentada por Paulo Freire na obra Educação e Mudança (1981), consiste de uma maneira prática levar o sujeito homem ou mulher, a organizar reflexivamente o seu pensamento, ou seja, por meio de uma prática pedagógica crítica e dialógica, levar o sujeito a perceber sua realidade de forma a integralizar-se nela. Segundo o autor, o sujeito está no mundo e com o mundo, com isso, para que ele possa se tornar capaz de transformar sua realidade é necessário que o mesmo

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UFRA, renatacoutinho316@gmail.com;

² Doutor em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ e Professor Adjunto de História da Educação da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. nelson.marques@ufra.edu.br.

seja sujeito ativo, que está integrado nos seus processos históricos. Dessa forma, o educador é responsável por aproximar o educando da sua realidade a partir de uma prática que corrobora para o pensamento crítico e reflexivo do seu mundo.

A partir dessa premissa, a pesquisa deteve-se em analisar o exercício da organização do pensamento reflexivo na educação de jovens, adultos e idosos (EJAI), a partir da experiência proporcionada pelo estágio supervisionado obrigatório, do 4º semestre do curso de Pedagogia na Universidade Federal Rural da Amazônia.

O público da EJAI é diverso e carrega muitas histórias marcadas pela falta de oportunidades e políticas públicas para permanência desses alunos em sala de aula, bem como outros fatores socioeconômicos que reforçam o distanciamento da realidade do aluno e conseqüentemente sua integralização. Além disso, a prática docente é responsável por trazer ao aluno a compreensão e o pensamento crítico acerca do mundo que ele faz parte, não apenas para desenvolvê-lo em sua vocação, mas para que o mesmo torne-se sujeito ativo em sua sociedade.

Os alunos observados durante o estágio são de bairros próximos a escola, como Jaderlândia, Mangueirão, Carmelândia, Panorama e Una. Esses alunos em sua maioria são trabalhadores e donas de casa que voltaram a estudar para aprender mais, e em busca de melhores condições de trabalho. Em geral, foram alunos bastante acolhedores e que estavam ansiosos pelas aulas e por aprender mais.

A justificativa deste trabalho é pautada na relevância de investigar a ação docente para o público da EJAI, buscando explorar e incentivar as diferentes formas de promover a organização do pensamento reflexivo do educando, para que assim, as gerações de professores possam considerar as vivências desse público e aproximá-los de suas realidades.

Em sua obra, Freire ressalta que para acontecer essa participação ativa do sujeito no mundo, para que o mesmo possa ser capaz de fazer escolhas a partir de sua autonomia, é imprescindível que o educador aviste o educando como capaz de interagir com o mundo e com o outro de forma intencional e crítica. A instrumentalização da educação segundo o autor, abre caminhos para que o educando seja visto para além da sua vocação, para além de um sujeito feito para suprir habilidades técnicas e sim, habilidades que o leve a refletir sobre as situações que o cercam. Para isso, o docente precisa reconhecer o sujeito da EJAI como capaz de se integrar ao seu mundo, a partir da aceitação das experiências de vida que esse público carrega e que trazem conhecimentos capazes de os aproximar do pensamento reflexivo e crítico.

Com isso, a pesquisa tem por objetivo analisar a relevância da organização do pensamento reflexivo a partir das práticas docentes observadas em sala de aula, bem como a leitura das obras de Paulo Freire. Além disso, os objetivos específicos foram compreender a perspectiva sobre o pensamento reflexivo no trabalho de um educador de escola pública e analisar quais os métodos e recursos adotados pelo docente para trabalhar conteúdos que aproximem e dialogue com a realidade dos educandos; apontar os desafios enfrentados pelo educador da escola Carlos Drummond de Andrade para desenvolver atividades considerando a pluralidade encontrada no ambiente educacional.

Em linhas gerais, os resultados apontam para um interesse na busca dos conhecimentos do mundo dos educandos, mas com práticas pedagógicas que impossibilitam os alunos a um pensamento mais profundo da sua realidade. Foi possível constatar o diálogo durante as aulas do professor, e a insistência do mesmo para com a participação da turma, mas a falta de temas que trabalhassem sua realidade de forma mais abrangente limitou o entendimento dos educandos sobre sua cultura e história.

Em suma, o trabalho cooperou para averiguar a respeito do exercício da organização do pensamento reflexivo em sala de aula, e muito contribuiu para repensar as possibilidades de inserção de temas que atentassem para o cotidiano dos educandos. Além disso, foi de grande relevância observar e ponderar a postura docente para com o público da EJAI.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na escola E.E.E.F. Carlos Drummond de Andrade, localizada na região metropolitana de Belém, durante o estágio supervisionado obrigatório na EJAI, com a turma da 2º etapa no turno da noite. O artigo apresenta resultados de um estudo qualitativo, baseado nas obras Educação e Mudança (1981) e Pedagogia da Autonomia (1996) de Paulo Freire e a partir da experiência teórico-prática no estágio supervisionado obrigatório.

A turma era composta por 28 alunos, sendo sua maioria composta por mulheres. A turma abrangia adultos com 40 anos até idosos com 68 anos. O horário em que as aulas iniciavam eram as 19h00 e iam no máximo até às 22h00, por conta da localidade da escola ser em um bairro perigoso. Além disso, as observações foram feitas durante as aulas, de forma participativa, com análises das Histórias de Vida por meio da escuta ativa.

A escola é recém reformada e de grande porte, contendo salas de aulas climatizadas, com mesas e cadeiras novas e quadros brancos também em boas condições. A coordenação da escola também dispunham de materiais tecnológicos como notebook e datashow para os professores utilizarem durante as aulas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Reflexão acerca do educando da EJAI

A compreensão acerca do educando, dentro da Educação para Jovens, Adultos e Idosos, perpassa pela análise de como o educador enxerga-o dentro do contexto de ensino e aprendizagem. É fato que esse público possui vivências que os levaram a algum lugar, que por vezes ainda é um lugar desconhecido ou desconexo do pensamento desse educando, pois lhe falta a integralização a este determinado lugar em que vive. Segundo Paulo Freire (1981), o educador é o responsável por essa conexão entre o educando e a sua realidade. Dessa forma, o educando da EJAI precisa ser reconhecido como alguém capaz de ser estimulado criticamente e que possui conhecimentos que podem contribuir para sua inserção no mundo.

Além disso, o professor, segundo Freire, em *Pedagogia da Autonomia* (2019), precisa estimular o educando sua autonomia e respeitá-la, pois se o mesmo reprime e oprime os saberes dos educandos, como então, integrá-los em suas realidades? Como conhecer o que eles conhecem? Como fazê-los pensar criticamente sobre o que os cerca cotidianamente, se não os deixo falar? A importância da escuta e diálogo é primordial para a aproximação na relação educador-educando em qualquer modalidade de ensino, primordialmente na EJAI.

A Pedagogia Histórico-crítica como método de aproximação do educando na EJAI a sua realidade

Segundo o pensamento de Dermeval Saviani (2011), a escola é um lugar onde o educando precisa receber conhecimentos que dialoguem com a realidade em que vive. A escola, segundo Dermeval, é um espaço ideológico que atende os interesses de grupos sociais dominantes. Dessa forma, a Pedagogia Histórico-Crítica visa, por meio da apropriação desse sistema, redirecionar o foco centrado na perspectiva imediatista para o mercado de trabalho para gerar uma prática pedagógica que aproxime o aluno de sua

realidade, ajudando-o a construir uma prática social que o vínculo a sua realidade, tornando assim, uma aprendizagem significativa.

Ao relacionar com a realidade dos alunos da EJAI, o educador precisa fazer com que a sua prática pedagógica se torne significativa ao aluno. Ao adentrar uma sala de aula, não se pode apenas transmitir conhecimento, mas criar e elaborar práticas pedagógicas que façam com que o educando perceba sua responsabilidade para com a sociedade em que vive, e se perceba como parte dela.

Em muitas ocasiões, e durante a experiência em sala de aula foi notório o sentimento de inferioridade por parte dos alunos da EJAI, tendo em vista que, por não terem conseguido concluir os estudos e terem a idade avançada, sentem-se inseguros e muitas das vezes incapazes de realizarem tal educação. E, esse público em sua maioria concebe pensamentos que não contemplam a educação para além da sala de aula, e por vezes, desprezam as próprias experiências de vida.

Dessa forma, cabe ao educador tornar a aprendizagem significativa, trabalhando assuntos e temas que envolvam esse público em sua própria rotina fora da escola.

O exercício do pensamento reflexivo para com o público da EJAI

Segundo Freire (1981), o pensamento reflexivo acontece quando, por meio de métodos dialógicos e críticos, permite que o educando apresente sua realidade e se torne um sujeito ativo durante o processo de ensino e aprendizagem. Para o autor, o diálogo é indispensável para que haja a construção desse sujeito ativo. Mas, não é qualquer diálogo, e sim, um diálogo que os sujeitos que se comunicam se escutem entre si em amor, humanidade, confiança e fé, pois, por meio da fé o diálogo possui significação e estimula o educando.

“Somente pela virtude da fé, contudo, o diálogo tem estímulo e significação: pela fé no homem e em suas possibilidades, pela fé na pessoa que pode chegar à união de todos; pela fé de que somente chego a ser eu mesmo quando os demais chegam a ser eles mesmos” (FREIRE, 1981).

Dessa forma, ao me comunicar com o sujeito da EJAI, preciso como educador também ouvi-lo, compreendendo que o mesmo possui conhecimentos que podem agregar para construção de sua integração ao mundo em que vive, que é capaz de superar a captação mágica da realidade por uma mais crítica e reflexiva, que preciso educar para a liberdade desse educando ser capaz de realizar suas próprias escolhas.

Além disso, na obra Educação e Mudança (1981), Freire aborda o novo conteúdo programático que inspira o educando e o ajuda a fazer a distinção entre o mundo da natureza e o mundo da cultura, a perceber seu poder de criar cultura, o seu trabalho, de se perceber no mundo e com o mundo, por meio de uma prática dialógica que o aproxima dessa realidade e que ajude a construir uma autoestima e dignidade sobre aquilo que executa.

“E nos pareceu que a primeira dimensão deste novo conteúdo, com que ajudaríamos o analfabeto, antes ainda de iniciar sua alfabetização, para conseguir a destruição da sua compreensão “mágica” e a construção duma compreensão crescentemente crítica, seria a do conceito antropológico de cultura, isto é, a distinção entre estes dois mundos: o da natureza e o da cultura; o papel ativo do homem na sua realidade e com a sua realidade; o sentido de mediação que tem a natureza para as relações e a comunicação dos homens; a cultura como o acréscimo que o homem faz ao mundo que não criou; a cultura como resultado de seu trabalho, de seu esforço criador e recriador; a dimensão humanista da cultura; a cultura como aquisição sistemática da experiência humana, como uma incorporação, por isso crítica e criadora, uma justa-posição de informações e descrições “doadas”; a democratização da cultura, que é uma dimensão da democratização fundamental, frente à problemática da aprendizagem da escrita e da leitura, seria, pois, como uma chave com a qual o analfabeto inicia sua introdução no mundo da comunicação escrita. Como ser no mundo e com o mundo. Em seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto” (FREIRE, 1981, p. 40).

Com isso, o exercício do pensamento reflexivo começa pela iniciativa desse diálogo que comunica e que faz o sujeito sentir-se parte do processo, um diálogo que não apenas transmite conhecimentos, mas que tem fé no sujeito que comunica, esperança de que o mesmo possa transformar-se em sujeito ativo.

Ao exercitar esse tipo de proposta ao público da EJAI, o professor aproxima-se mais ao aluno, podendo-o conhecer e extrair dele suas principais motivações da vida e poder trabalhá-las de forma a amadurecer o pensamento acerca das suas motivações, para além de uma concepção mágica, ingênua e alienada, e sim, capaz de refletir sobre suas ocupações no mundo e gerar atitudes que intencionalmente possam trazer transformação ao mundo em que vive.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das observações feitas em sala de aula com a 2ª etapa do EJAI, foi possível perceber por meio das práticas do professor regente a ânsia em abraçar o aluno e suas experiências de vida, por meio de aulas dialógicas e dinâmicas. Foram quatro dias de observação que proporcionaram conhecer as práticas do professor e como se dava sua relação com os alunos. É válido ressaltar que, como estava no início do ano letivo dos estudantes, foi possível conferir a avaliação diagnóstica feita pelo professor.

Ao acompanhar uma das avaliações diagnósticas percebi o tipo de conteúdo produzido pelo professor aos alunos. A avaliação era composta por atividades que envolviam leitura e escrita, e algumas pinturas. Essas avaliações eram um modo de diagnosticar os níveis de alfabetização dos alunos que ingressaram na turma. No entanto, a maioria dos alunos não conseguia finalizar a prova devido a falta de escolarização e experiência na leitura e escrita.

Durante as avaliações, os alunos tentavam escrever para não deixar em branco suas provas, no entanto, percebeu-se que algumas atividades eram apenas preenchidas por letras que não formavam palavras que eram conhecidas e deviam estar no papel. Logo, entende-se que a maioria dos alunos, mesmo escrevendo o próprio nome, não tinham domínio do código, que são as letras do alfabeto. Mais da metade da turma, encontrava-se no nível silábico, ainda fazendo distinção de letras e números.

Apesar das avaliações diagnósticas dependerem da autonomia do professor, segundo uma perspectiva freiriana, o docente para desenvolver o exercício da organização do pensamento reflexivo nos alunos precisa compreender quem são seus educandos, onde vivem, quais as realidades que o cercam e apresentá-las de maneira consistente a eles. Assim, a partir de uma concepção investigativa acerca do local e perfil dos alunos, pode-se apresentar dados para um planejamento pedagógico que vá acolher os alunos e proporcionar um ambiente auspicioso para aprendizagem.

Dessa forma, Freire enfatiza que o educador tem um papel fundamental para que o educando não apenas seja capaz de manipular os signos da sua própria língua, mas tenha consciência do que cada um causa em sua realidade.

“Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica não em uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas, desvinculadas de um universo existencial – coisas mortas ou semimortas –, mas uma atitude de criação e recriação. Implica uma autoformação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os meios com os quais possa se alfabetizar” (FREIRE, 1981, p. 41).

A postura do professor em procurar por meio da avaliação diagnóstica as possíveis faltas que os alunos poderiam apresentar já demonstra um interesse do professor em saber o que esses alunos sabem. Esse interesse é primordial para que o professor execute planos de aulas que possam fornecer condições de ensino e aprendizagem que trabalhem as lacunas da alfabetização desses alunos.

Destaca-se que, o público da EJAI detém de pessoas que têm suas experiências de vida e por isso, em muitas ocasiões, são consideradas letradas justamente por aprenderem

das vivências do cotidiano. Todavia, o indivíduo pode ser letrado mas não alfabetizado. Pode apresentar certos conhecimentos sobre vendas e comércio, mas não saber as operações básicas da matemática, como era o caso de uma das alunas da turma. A partir da escuta em sala, pude conhecer a história de vida dessa aluna. Ela vinha de família humilde, onde a mãe teava fibras de coco e fazia roupas para vender, e desde cedo precisou trabalhar para ajudar a família em sua subsistência. Por conta disso, não teve muito tempo para os estudos e quando decidiu voltar lá pelos seus 15 anos, engravidou da primeira filha, e precisou trabalhar ainda mais para sustentá-la sozinha. A aluna trabalha com vendas e por muitas vezes ficou dependente de pessoas para fazer cálculos básicos para parcelar compras de clientes, para dar troco, destrocá-lo e, isso fez com que sofresse alguns danos, como perda do lucro e ser enganada também. Após esse relato, fica evidente a preocupação urgente que o professor precisa ter com seus educandos durante a diagnóstico. Com isso, a avaliação diagnóstica é de suma importância para detectar aquilo que o aluno domina ou não.

Adicionado a isso, o interesse precisa também acompanhar a perspectiva investigativa sobre o local onde esses alunos vivem e sua integração nele. Diante disso, o professor analisou competências como leitura e escrita, porém não havia quaisquer direcionamentos para buscar sobre o que aqueles alunos conheciam sobre sua história e cultura, ou se eles conheciam ou se sentiam parte. Para que ocorra o exercício do pensar reflexivo é necessário aproximar esse aluno de sua realidade, o que não ocorreu durante as avaliações diagnósticas.

Segundo o pensamento de Dermeval Saviani (2011), a Pedagogia Histórico-Crítica é uma prática pedagógica que pode proporcionar ao educando, uma aprendizagem significativa, que o aproxime da realidade contextual do qual ele faz parte, e possibilita que esse aluno faça conexões entre os assuntos que aprende na escola com a realidade em que vive, gerando assim, práticas sociais que o integrem ao seu cotidiano. Com isso, a prática do professor regente deixou a desejar uma aprendizagem significativa durante os dias observados.

É válido ressaltar que, alguns entraves como um planejamento mais elaborado e voltado para as questões do aluno e sua cultura, o horário de aula que, apesar de ter uma meta, era quase sempre descumprida por conta da escola estar situada em um bairro sóbrio e perigoso, e outras questões como falta de materiais pedagógicos que incentivassem a leitura de mundo, da cultura e história dos próprios alunos daquela

instituição de ensino, corroboraram para que a prática pedagógica do docente não atingisse o público de maneira significativa.

Outrossim, ao acompanhar as aulas do professor regente houve a oportunidade de observar a aula de Português sobre Substantivo, onde o mesmo iniciou com um diálogo, fazendo a seguinte pergunta: “Qual o seu substantivo?”. Isso fez com que os alunos da turma pensassem por alguns minutos o que responder ao professor, até se darem conta de que ele estava perguntando sobre os nomes, o que é uma classe dos substantivos. Diante disso, esse diálogo proporcionou a turma uma certa reflexão acerca do conteúdo e do que eles conheciam, de uma forma leve e descontraída, e que no decorrer da aula, gerou certa tranquilidade nos alunos para fazer perguntas ao professor e a falarem com ele também, tornando a aula dialógica.

Então, após as explicações, o professor passava exercícios de fixação que os alunos faziam e levavam para casa para lembrar o conteúdo. Essas atividades eram de repetição, e foram feitas a partir de um ditado de palavras que o professor realizou e cada palavra deveria ser colocada em cada quadro da classe de substantivos explicados no dia. Ao longo da atividade, não foi possível achar palavras que os conectassem com a realidade em que viviam, como elementos que compõem culturalmente e historicamente o lugar em que vivem, as riquezas do Estado, as próprias histórias de vida. Eram nomes de objetos ordinários do dia a dia, como janela, quadro, geladeira e entre outros. Podem ter feito conexão com aquilo que eles tinham contato ao longo do dia, mas pouca conexão com as histórias e a cultura.

A partir desses resultados obtidos por meio das observações, evidencia-se um interesse por parte do educador em trazer os alunos para as aulas, em aproximá-los com o conteúdo, no entanto, a prática pedagógica acaba não contemplando as histórias e experiências de vida dos sujeitos da EJAI. As aulas no formato expositivo-dialogada, apesar de conseguirem manter um diálogo aberto aos educandos, não proporcionaram conhecimentos que estavam fora da sala de aula, para além do conteúdo sistematizado. Com isso, a aprendizagem significativa é deixada de lado.

Adicionado a isso, as atividades convencionais não traziam temas da própria comunidade, o que não oportunizou uma compreensão maior desses sujeitos em seu mundo, na sua realidade. Além disso, havia pouco exercício de leitura em sala, e era passado para casa textos curtos sobre o assunto passado em sala, mas que para maioria dos alunos não tinha serventia pois não sabiam ler ou tinham muita dificuldade de ler só.

A partir dessa experiência, foi possível manifestar um interesse maior por práticas pedagógicas que estejam comprometidas em conectar o educando à sua realidade, fazendo-o tornar-se um sujeito ativo em seu processo de aprendizagem e poder integrá-lo ao mundo em que vive, e refletir a importância de um pensamento reflexivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o estudo possibilitou conhecer de forma mais aprofundada a realidade do público da Educação de Jovens, Adultos e Idosos em um bairro da capital de Belém, onde encontram-se profissionais que possuem formação direcionada para atender ao público examinado, mas que carece ainda de um pouco mais de comprometimento e espaços que assegurem uma aprendizagem significativa, onde o educando possa se sentir parte do processo de ensino e aprendizagem.

Outrossim, foi possível perceber a peculiaridade desta modalidade de ensino, onde é necessário trabalhar a autoestima ao mesmo tempo em que se trabalha os conteúdos programáticos, sempre visando proporcionar uma aproximação com a realidade desses educandos. É fato, que esse trabalho é árduo e é necessário um exercício de pesquisa constante do educador para com a realidade do seu educando. Mas, com comprometimento e fé no outro, pode-se ampliar e garantir uma aprendizagem que reflita sobre seu mundo e que seja significativa para o educando.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Gabriela Aparecida de; RUCKSTADTER, Vanessa Campos Mariano; NODA, Marisa. Ensino de História na formação das crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: desafios e possibilidades. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 22, n. 00, p. e022015, 2022.

ANDRADE, Luiz Gustavo da Silva Bispo; DOS SANTOS, Juliane; DE JESUS, Lucas Antonio Feitosa. Aspectos Gerais da Pedagogia Histórico-Crítica. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 71–86, 2019.

CASSAB, Mariana. NOVAES, Márcia. **Discutindo avaliação diagnóstica em um contexto de formação continuada de educadores da EJA**. Anais do Seminário Nacional de Formação dos Profissionais da Educação. Vol. 1. n. 3. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 4e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 77e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 137.